

O caçulinha dos TAMANDUÁS

Solitário, noturno, pequeno e silencioso. Tem um bichinho mais difícil de encontrar e observar do que o tamanduáí? Não é à toa que a espécie é desconhecida até entre biólogos...

texto **LIANA JOHN**



Nem filhote de tamanduá-bandeira, nem de tamanduá-mirim, o menorzinho dos comedores de formiga atende pelo nome de tamanduáí e pertence a uma família só dele, Cyclopedidae. Mesmo adulto, não é maior do que um esquilo: no máximo 40 cm de comprimento, dos quais mais da metade é cauda. O peso é 'pluma', algo em torno de 250 a 320 gramas, apenas. O nome usado no Brasil, de origem indígena, também é um diminutivo: *Ta-mondúá-í* em tupi-guarani quer dizer pequeno caçador de formigas (*Ta* = formiga, *mondúá* = caçador, *í*=pequeno). E as referências ao tamanho ainda se estendem a outras denominações: tamanduá-pigmeu ou tamanduá-anão.

Quando se enrola para dormir, agarrado a um ramo de árvore, o animalzinho fica como uma bola de tênis. Uma

bolinha peluda e bem sedosa, diga-se de passagem, o que lhe rendeu mais um apelido: tamanduá-de-seda. Esse hábito de se enrolar torna o animalzinho quase 'invisível' nas matas e nos cerradões das regiões Nordeste e Norte do Brasil, onde ocorre. Quando chega a estação seca e as copas ficam menos densas, a preferência é dormir em paineiras e barrigudas (gênero *Ceiba*), onde seu pêlo macio e claro eventualmente se confunde com as bolas de paina.

É uma boa alternativa para escapar aos 'olhos-de-águia' de predadores alados - como corujas, gaviões e falcões - e contornar a dificuldade em fugir, pois uma de suas limitações é mover-se lentamente. A tática se completa com o cuidado em mudar diariamente de dormitório, para não dar chance ao acaso...

Como as preguiças, o tamanduáí raramente desce ao solo. Prefere a se-



SONO TRANQUILO
O tamanduá dorme no galho da árvore, enrolado, e passa despercebido pelas aves predadoras

gurança das árvores, circulando pelas ramagens do sub-bosque com grande habilidade, graças à cauda preênsil e às grandes unhas das mãos, com as quais se segura firmemente ou cutuca os cupinzeiros e formigueiros instalados nos troncos. Uma vez aberto o caminho, entra em cena a longa língua, recoberta com um muco viscoso, usada como armadilha pegafomigas: os insetos ficam grudados e o tamanduá recolhe a língua recoberta de 'guloseimas'.

O cardápio do caçulinha é mais limitado do que os dos outros tamanduás, incluindo poucos e seletos itens: só algumas espécies de cupins e formigas, mais uma ou outra joaninha incidental. Num dos ra-

ros artigos científicos sobre a espécie, os pesquisadores Flávia Miranda, Roberto Veloso, Mariella Superina e Fernando Zara especificam as formigas preferidas pelo tamanduá, dos gêneros *Camponotus*, *Dolichoderus*, *Pseudomyrmex* e

O fotógrafo do Liechtenstein, André Baertschi, observava aves ao amanhecer, na floresta do Parque Nacional de Madidi, na Bolívia, quando por mero acaso viu um tamanduá descer até um cupinzeiro, procurando comida após uma noite de chuva. Só tempo de bater algumas fotos – entre elas, a da página 26 – e o bichinho sumiu entre as folhagens. "Nunca mais encontrei esse minúsculo tamanduá dourado", diz André.

Solenopsis.

Conforme a veterinária Flávia Miranda, do Instituto de Pesquisa e Conservação de Tamanduás no Brasil e da

Wildlife Conservation Society (WCS), uma das autoras do artigo, a manutenção em cativeiro de exemplares apreendidos é extremamente difícil. Em média, eles permanecem vivos apenas de uma semana a um mês, morrendo, em geral, de inanição. O único registro de sobrevivência superior a isso é do Parque Zoológico Huachipa, em Lima, Peru.

Os tamanduás apreendidos ou encaminhados por populações a zôos foram encontrados, via de regra, em áreas recém-desmatadas ou nos processos de abertura e limpeza de trilhas. "O mais comum é o animal cair no chão quando o trabalhador corta ramos com o facão", conta Flávia. "Ele fica enrolado, dormindo, e quem está abrindo ou desbastando a



trilha simplesmente não vê, só vai reparar quando cai aquela bolinha de pêlo no chão". O problema, segundo ela, é a tentativa de adoção ou comercialização como mascotes desses exemplares encontrados por acaso. "Nem vendedores nem compradores sabem do que os tamanduás se alimentam e eles acabam morrendo", diz. Não há estatísticas ou estimativas que permitam dimensionar o impacto desse mercado informal.

Já encontros propositalmente com *Cyclops didactylus* são raríssimos, mesmo para pesquisadores acostumados a encontrar outros 'experts' em camuflagem, como o especialista em preguiças Adriano Chiarrello, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Mesmo com auxílio de rádio-telemetria foi difícil localizar o animal que estava perfeitamente escondido na copa de uma ár-

Um dia inteiro na matinha e o tamanduá não foi encontrado

vore. O bichinho havia sido removido de uma área que iria ser alagada por uma hidrelétrica, no Tocantins. "Precisei subir na árvore para fotografar o tamanduá e deu trabalho", conta. O tamanduá recebeu um radiotransmissor - colado na cauda com esparadrapo - antes de ser removido para um cerradão fora da cota de inundação. De acordo com o monitoramento posterior à soltura, a translocação foi bem sucedida.

Em uma reportagem em Alta Flo-

resta, no Mato Grosso, compreendi o significado da expressão 'difícil de encontrar', mencionada pelos cientistas: ao saber que um tamanduá havia sido solto apenas dois dias antes numa matinha muito pequena, em uma fazenda, passei o dia inteiro examinando árvore por árvore, ao lado de um guia local experiente, na expectativa de fotografar o animal. Em vão: simplesmente não localizamos o bichinho!

Em alguns casos raros, os tamanduás aparecem nas tristes estatísticas de atropelamentos em estradas ladeadas por florestas, como a de Porto de Trombetas, no Pará. Nas rodovias mais abertas, os atropelamentos vitimam os tamanduás bandeira e mirins em grande número.

Juntar números esparsos e correr para examinar qualquer espécime en-

NOME COMUM EM PORTUGUÊS:

tamanduá

NOME CIENTÍFICO:

Cyclopes didactylus

NOMES EM INGLÊS E ESPANHOL:

silky anteater, angelito, ceibita, flor de balsa, gato balsa, interpelejo, serafín, serafín del platanal, tapacara

COMPRIMENTO TOTAL:

36 a 45 centímetros, dos quais a cauda corresponde à metade

PESO:

200 a 320 gramas

TEMPO DE GESTAÇÃO:

120 a 150 dias. A fêmea dá à luz um filhote único e o abriga num oco de árvore forrado de folhas secas

DISTRIBUIÇÃO:

Sul do México ao Brasil Central

ALIMENTAÇÃO:

exclusivamente insetívoro

CARACTERÍSTICAS PARTICULARES:

baixa temperatura corporal (33° C)

HÁBITAT:

matas e cerradões

FLÁVIA MIRANDA



AMEAÇADO

Pequeno e discreto, o tamanduá é difícil de ser avistado e estudado. No recorte (à dir.), Flávia Miranda examina um exemplar apreendido

Ainda há mais perguntas do que respostas sobre o tamanduá

tregue a criadouros, portanto, é uma das poucas estratégias disponíveis para aumentar nosso nível de conhecimento sobre tamanduás. Para ter eficiência em tal estratégia, pesquisadores de diversas instituições resolveram criar o Grupo de Trabalho pela Conservação do Tamanduá no Brasil, coordenado por Flávia Miranda. A idéia é reunir tudo num banco de dados e organizar os resultados de estudos sobre tamanduás feitos no Brasil, disponibilizando para todos os pesquisadores interessados e utilizando-os para melhorar as condições de manutenção desses animais em cativeiro, além de promover a conser-

vação das espécies e de seus habitats, ameaçados pela degradação e fragmentação. Entre as ações planejadas estão a identificação de pontos em rodovias com maior índice de atropelamentos para instalação

de sinalização apropriada; disseminar dos cuidados e dietas recomendadas para manter e tratar os animais apreendidos; análise de doenças e parasitas comuns a todos os tamanduás e interação com animais domésticos.

Das 3 espécies de comedores de formigas com as quais o grupo trabalha, o tamanduá tem mais lacunas a preencher. Sabe-se que algumas características particulares da espécie limitam sua distribuição geográfica na porção ocidental da floresta amazônica, nos países vizinhos. A baixa temperatura corporal – em torno de 33° C –, por exem-

Parentes afastados

Uma revisão recente da classificação científica de tamanduás, preguiças e tatus – todos da antiga ordem Xenartha (isto é, com ‘juntas esquisitas’) – separou os tamanduás na ordem Pilosa (dotada de pelos), subordem Vermilingua (com ‘língua de verme’), agora composta por duas famílias: Myrmecophagidae (comedores de formigas) que inclui os tamanduás-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) e os tamanduás-mirins (gênero *Tamandua* - foto) e Cyclo-

pedidae (com olho redondo), uma família à parte, de uma única espécie, só para o tamanduáí. A alteração se baseia em análises genéticas que indicaram diferenças no número de cromossomos dos três gêneros conhecidos de tamanduás.

As preguiças também ficaram na ordem Pilosa, mas na subordem Folivora (comedores de folhas). E os tatus foram para outra ordem, chamada Cingulata (rodeado por cintos).



MATHEUS FERREIRA FONTENAU

plo, restringe sua presença a altitudes inferiores a 1.500 metros e transforma os Andes em barreira. Nas montanhas mais altas, o animalzinho teria dificuldade de se aquecer ao sol, uma função vital para seu metabolismo.

“Mas no Brasil ainda não temos sequer um mapa de distribuição para a espécie”, comenta Flávia. “Sabemos que existe uma população amazônica e outra nos remanescentes de Mata Atlântica do Nordeste e estamos comparando geneticamente essas duas populações. Elas estão separadas pela Caatinga desde o Pleistoceno (2 milhões a 11 mil anos atrás) e

existe a possibilidade de as espécies terem se diferenciado”. E essa é só uma das questões. Mas qual o estado de conservação de cada população? Que uso a espécie faz do habitat? Qual a área necessária para cada indivíduo? Como se reproduzem? Qual a taxa de reprodução?

São perguntas básicas, fundamentais para se estruturar um plano de conservação. Porém, a perspectiva de respondê-las depende de um esforço concentrado de pesquisa, de recursos para tais pesquisas, de muita dedicação, muita paciência, e pescoços bem treinados para resistir a muitas horas de olho nas árvores! ●



PARA SABER MAIS:



Visite o site do Grupo de Trabalho pela Conservação do Tamandua no Brasil - www.tamandua.org ou escreva para flavia@tamandua.org

Acesse a versão online do boletim científico Edentata (em inglês) - www.edentata.org/journal.htm